



## O ENSINO DA GRAMÁTICA CONTEXTUALIZADO

Pedro Márcio Medina Pessoa<sup>1</sup>  
PG/UEMS

**RESUMO:** Este artigo trata de uma reflexão acerca do ensino da gramática para o uso eficaz da escrita, da fala e da comunicação na língua em uso, e no cotidiano do indivíduo e o mundo que o cerca, seu contexto. Assim a gramática pode ser entendida como um recurso linguístico que o aluno ainda não domina, mas, amplia sua capacidade de uso realizando um ensino produtivo, e nessa perspectiva, os alunos passam a utilizar a gramática de forma eficaz na língua materna, valorizando suas competências, “[...] seja de forma natural no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, [...]” (TRAVAGLIA, 2009, p. 107). Ante a atual conjuntura do processo de ensino-aprendizado, é perceptível que o ensino da gramática hoje se transforma em um desafio para o professor, visto que se faz necessário fazer um ensino gramatical produtivo e eficaz nas produções textuais, assim, o texto já não é mais um conjunto de palavras sem nexos, sem sentidos, e sim uma unidade de sentidos em que a produção da leitura, escrita e se torna um recurso de aprendizado no ensino de língua portuguesa. Visto que a construção de um texto e seu contexto é composto das regras gramaticais estabelecidas, que o torna compreensivo e que o aluno precisa internalizar esse aprendizado para uma melhor compreensão do texto, do seu contexto, do seu mundo, despertando nele a capacidade que todo falante de uma língua natural tem de, entendimento da gramática e suas funções.

**Palavras- Chave:** *Gramática; Textos; Contexto; Leitura; Produção.*

## INTRODUÇÃO

Para ensinar gramática, é preciso que se conceba a língua, mais do que como um elemento que deve ser preservado como uma identidade cultural e interação social. A gramática que será abordada neste artigo, não pode ser entendida apenas como uma garantia à eficiência na fala, leitura e escrita, mas como um elemento de grande relevância na efetivação e compreensão do ato comunicativo, até porque, internamente, o falante da língua, de forma inconsciente, já se utiliza dela para se comunicar. Para Antunes (2007),

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas as regras específicas de gramática, das diferentes classes de palavras, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras. Tudo isso é necessário, mas não suficiente.

---

<sup>1</sup> Programa de pós graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: [pedromedina\\_ves@hotmail.com](mailto:pedromedina_ves@hotmail.com)

Nessa perspectiva faremos uma reflexão acerca do ensino da gramática no uso do texto/contexto da língua portuguesa, de forma que se possa observar a importância de conteúdos gramaticais para a aquisição da capacidade de ler, compreender e escrever textos de forma competente e eficaz. Nesse sentido faz-se necessário que o ensino de gramática tenha um outro olhar ante as diferentes concepções normativa, descritiva e internalizada, visto que a postura do professor diante da disciplina se define mediante o entendimento deste sobre gramática e Língua Portuguesa, sabendo que essas não podem ser consideradas sinônimas. É preciso levar em consideração o então ensino da gramática e suas novas possibilidades e suas diferentes concepções.

## O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para Soares *Apud* Bispo (2011, p. 3) “um dos fatores que contribuiu para que o ensino de língua se estabelecesse tão fortemente associado ao ensino de normas gramaticais tem origem nos primórdios da história do ensino da Língua Portuguesa”. Tendo em vista que, somente a partir das últimas décadas do século XIX a disciplina Português foi tida como componente curricular na escola brasileira. Até então, o ensino de Português era ministrado visando tão somente à alfabetização.

Sabemos que cada falante adquire e internaliza a língua em uma de suas variedades: aquela que é predominante em seu meio; por isso, entendemos que nosso objetivo como professores de língua portuguesa para falantes nativos de português não é contribuir para que adquiram a língua, mas sim ampliar sua capacidade de uso dessa língua desenvolvendo sua competência comunicativa, por meio de atividades com textos utilizados nas mais variadas situações de interação comunicativa. A Língua é vista ou entendida como algo em constante transformação, cria e recria-se a todo momento, resultado das interações entre os sujeitos. Assim, a língua trabalhada é a dos próprios alunos, produzida pela interação entre os mesmos em diversas situações sociais.

Neste artigo vamos analisar a problemática de como os professores de Língua Portuguesa abordam o ensino de gramática em sala de aula, a partir da análise das concepções gramaticais que norteiam as práticas pedagógicas dos professores, considerando a gramática normativa numa perspectiva histórica, desde o seu surgimento às suas finalidades.

Conforme (OLIVEIRA, 2010, p. 76) “a instituição da Língua Portuguesa no Brasil não pode ser entendida fora do contexto que a historiografia educacional portuguesa e brasileira denominada de

Reformas Pombalinas da Instrução Pública”. Oliveira resgata elementos relevantes sobre o ensino do Português no Brasil que permitem uma melhor compreensão da relação entre ensino de língua e ensino de gramática. Nesse sentido, o ensino de Língua Portuguesa deve valorizar a importância do uso produtivo da gramática e seus ensinamentos. Travaglia *Apud* Pereira (2010, p. 13) afirma,

que é função da escola desenvolver a competência comunicativa do aluno, observando também as competências textual e gramatical como uma forma de descrição de uma das variantes da língua, e não como uma prescrição absoluta de uso.

Assim o ensino da gramática deve se dar de prazerosa, despertando no aluno, cada vez mais, o interesse em compreender o sentido daquilo que se ensina, fazendo as seguintes perguntas: para quê? E para o quê se aprende?

Assim saber gramática significa ser capaz de distinguir, as expressões de uma língua, suas categorias, as funções e as relações que entram em sua construção: textual, organização das ideias, de seus saberes e conhecimentos que advém através da Língua. A língua e a linguagem só tem sentido, então, se colaborarem para a efetivação do processo comunicativo que faz com que o ser exista e coexista. É nesta perspectiva que o professor da língua deve se construir pedagogicamente. Sabendo que é pela transformação social, que antes deve ser pessoal, que conquistamos o nosso espaço da forma correta. É o encontro do professor consigo mesmo, através de sua prática, carregada de sentido e, de fato, formadora de opiniões e atitudes, levando os sujeitos a entenderem sua importância para o uso competente da língua e o pleno exercício do ato comunicativo construtor de sua identidade.

Língua e gramática podem ser uma solução se soubermos ir adiante, muito além da gramática; muito além até mesmo da língua, para alcançar a nós mesmos e aos vestígios mais sutis da cultura, da história, dos discursos todos que teceram e tecem os versos de cada um. (ANTUNES, 2007)

“Para que se dá aulas de Português à falantes nativos de Português?” (TRAVAGLIA, 1998). O próprio Travaglia enumera quatro respostas a essa pergunta: desenvolver a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas mais diversas situações de comunicação; levar o aluno a dominar a norma culta e a variedade escrita da língua; levar o aluno ao conhecimento da instituição social que é a língua, ao conhecimento de como ela é constituída e de como ela funciona; ensinar o aluno a pensar e a raciocinar. Portanto, trata-se de uma atividade de ensino de gramática que se preocupa mais com a

forma de atuar usando a língua, do que com uma classificação dos elementos linguísticos e o ensino da nomenclatura que consubstancia essa classificação, tal ação contribuir para que ele utilize com mais segurança e precisão os recursos da língua ao produzir seus textos e tenha sua capacidade de leitura bastante ampliada e aperfeiçoada, para julgar o que quer dizer o produtor de um texto, ao usar certos recursos da língua e não outros. Assim o aluno se tornará cada vez mais consciente de que a escolha dos elementos da língua (a gramática) para construir textos não é fortuita, mas regida pela adequação do recurso linguístico e das instruções de sentido que contém, aos propósitos do usuário da língua em cada situação de comunicação.

É preciso acreditar que o objetivo principal do ensino de língua materna é desenvolver a competências e habilidades comunicativa do aluno, isto é, “a capacidade de o falante empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 1996) significa afirmar a necessidade de promover no espaço da sala de aula o encontro com a diversidade textual. Para Fonseca e Fonseca (1977), realizar a abertura da aula à pluralidade de discursos. Geraldi (1997) concebe o texto como lugar de entrada para o diálogo do aluno com a infinidade de outros textos e confere ao aluno a qualidade de produtor contínuo de textos, participante ativo desse diálogo sem fim entre os textos e seus leitores. Esse contato com a diversidade textual e a pluralidade de discursos envolve duas capacidades fundamentais, entre elas a competência gramatical ou linguística, que é a capacidade que todo usuário da língua tem de formar sequências linguísticas gramaticais próprias e típicas da língua em questão.

Nesse sentido, a competência gramatical ou linguística não é garantia para a constituição da competência comunicativa, pois não leva em consideração os papéis que os indivíduos desempenham no ato da comunicação, determinados por seu status social, pelo tipo de evento, pelo gênero (função social do texto) e pelo(s) interlocutor(es) a quem se dirigem. Faz-se necessário uma outra capacidade: a competência textual. Segundo Cagliari (1997), “a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido”.

Para Geraldi (1999, p. 28) “o estudo e o ensino de uma língua não podem deixar de considerar diferentes instâncias sociais”, deste modo, a língua, enquanto produto da história e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. O autor afirma ainda que “a língua nunca pode ser estudada ou ensinada, como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo”. Assim, a linguagem resulta da interação sócio-histórico-cultural, ela deve ser entendida como um todo e através do uso que os interlocutores fazem dela no seu processo de

interação, ela poderá ser flexível e mutável. É, portanto, por meio do ensino da gramática e do ensino comunicativo, que o aluno terá sucesso em seu desempenho lingüístico no processo de aquisição de uma linguagem eficaz.

### **A função da gramática- origem e evolução**

O termo “Gramática” é um termo do léxico do português derivada do latim, ‘grammatica, cae’, que, originado de um étimo grego. Entre os gregos e os romanos, gramática significava ciência gramatical: conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada.

É importante percorrer os caminhos dos estudos da gramática, desde a sua origem, até chegarmos aos conceitos de gramática que temos hoje, é importante lembrar que esses estudos não se esgotam por aqui. Nesse sentido vamos à gênese: A gramática teve origem a dois séculos da era cristã, na escola de Alexandria, sendo os gregos, os primeiros a se dedicarem ao estudo gramatical e a suas estruturas. A preocupação a priori, seria, proteger a língua, iniciando com a constatação de diferenças lingüísticas na linguagem corrente da população em relação à língua clássica. Com receio de que tais diferenças pudessem atingir e modificar a língua, os gregos criaram uma gramática com o objetivo de garantir sua preservação e sua “originalidade”, dessa maneira, preservando a “pureza” da língua grega que estava sendo contaminada por barbarismo. Como mostra Bagno (1999, p.56).

Quando o estudo da gramática surgiu, no entanto, na antiguidade clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas consideradas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Alias a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever”.

Dessa forma, dominar a língua, é sinônimo de “poder”, pois através do domínio da língua, domina-se a população, facilitando assim, o desenvolvimento de interesses de quem governa, pois, a linguagem identifica o ser humano, facilitando o seu desenvolvimento de interesses. Para Antunes (2007, p. 36) “foi sendo atribuído aos compêndios de gramática um papel de instrumento controlador da língua, ao qual caberia conduzir o comportamento verbal dos usuários, pela imposição de modelos ou padrões”. Assim, a gramática, tem por objetivo a regularização, o estabelecimento de um padrão na língua escrita, nesse sentido, a linguagem utilizada por cada pessoa demonstra sua condição social, se a língua utilizada

for a culta o indivíduo conquista certo respeito diante da sociedade, do contrário, se a língua utilizada se diferenciar desta, o indivíduo sofrer preconceitos, pois não se encaixa no padrão estipulado pela sociedade. Para Antunes (2007), a criação da gramática continua a ser uma forma de controlar determinada língua contra ameaças de desaparecimentos e declínios, mas esse controle apresenta interesses mais amplos que vão além da mera preservação da língua, entre eles estão interesses políticos, econômicos e sociais, nesse sentido, a linguagem passou a ser um marco delimitando os que pertencem a classe culta e os que não pertencem a ela. Como critica Bagno (1999, p.149).

A gramática tradicional permanece viva e forte porque, ao longo da história, ela deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana e foi transformada em mais um dos muitos elementos de dominação de uma parcela da sociedade sobre as demais.

Para Rodrigues ( *Apud* BISPO, 2011, p. 20). “o ensino de língua, na maioria das escolas, segue fielmente o que prescreve as gramáticas normativas, aqueles que a ensinam estão convictos de que tais normas devem ser rigorosamente observadas não só pelos alunos, mas por todos aqueles que se valem da escrita”. Dessa maneira, é perceptível observar qual é a função que a gramática ocupa nas nossas escolas hoje, e continua a desenvolver o papel que lhe foi atribuído quando surgiu, o de repassar a língua culta utilizada pela sociedade, fortalecendo-a, mantendo sua legitimidade.

### **O ensino da gramática para o uso eficiente da língua**

Gramática significa segundo Silva (2002) “a arte de ler e escrever”, sendo assim pela lógica seriam esses os objetivos desse ensino, ensinar aos alunos a leitura e a escrita.

Notadamente, o ensino de língua no Brasil, tradicionalmente, tem mantido a marca indelével que ainda o configura e o confunde, por vezes, com o ensino da gramática normativa/ prescritiva, responsável pelo funcionamento da “norma padrão culta”. Pode-se dizer que a norma culta tem como finalidade básica: a produção de textos escritos, uma vez que, é ela quem padroniza com suas regras a forma correta da escrita e dos aspectos da fala, além de preparar o aluno para a compreensão do mundo. Para Bagno (2006, p. 16) “A norma culta tem como finalidade manter-se inalterada o máximo de tempo possível, é conservadora e demora muito a aceitar algum tipo de novidade”. (ROCHA, 2002 p. 82), por sua vez, diz que a “atenção da norma culta deve estar voltada basicamente para a produção da escrita em língua padrão”. Assim, o ensinar a norma culta, na escola é preciso valorizar a língua trazida pelo aluno



à escola. Para Possenti (1996, pp. 17-18) É “dever da escola ensinar a norma culta”, já (ROCHA, 2002 p. 85) defende que “sejam traçados, com muita clareza, os objetivos básicos do ensino de português, para que haja de fato um ensino satisfatório”. Neste aspecto pode-se dizer que, saber gramática, então, não dependeria, em princípio, de escolarização ou de aprendizado sistemático, mas do amadurecimento progressivo, na prática da atividade lingüística, o uso no seu dia a dia, nesse sentido é possível afirmar que não há “erro” lingüístico, mas há a inadequação da variedade lingüística, utilizada em uma determinada situação de interação comunicativa.

Na perspectiva de um ensino significativo da gramática, entendemos que este, não deve ocorrer apenas para proteger ou conservar a composição da língua, como ocorrera no princípio, mas sim para auxiliar o usuário e falante no conhecimento de sua própria língua materna. Nesse sentido, o ensino de gramática é importante tanto na escrita quanto na fala. (ANTUNES, 2007 p. 53) “O dever da escola é ensiná-la oferecendo condições ao aluno de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada” (BAGNO, 2000 p. 87) opina que: “A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento lingüístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa”. Pode-se entender que nesta citação, Bagno afirma que a gramática em si não justifica seu papel de única fonte para o ensino da língua nas escolas, tanto do ponto de vista teórico quanto do prático.

Existem várias possibilidades para que ocorra mudanças no ensino tradicional, do ensino da gramática, uma delas é o professor tornar-se o mediador do conhecimento ao aluno, fragmentando a distância entre o mesmo e o ensino de gramática. O conceito da gramática tem sofrido muitas evoluções, juntamente com a própria ciência lingüística, e tem variado no âmbito das diversas correntes teóricas dessa ciência. A Linguística Estruturalista dá ênfase à gramática descritiva das línguas e das variedades de cada língua, relativizando o papel da gramática normativa, considerada como uma gramática descritiva de uma das variedades da língua.

Com a evolução dessa ciência, a gramática ganhou muitas ramificações que tem contribuído de maneira positiva para o ensino da língua materna, entretanto, as discussões acerca do ensino da gramática não é um caso encerrado, uma vez que a língua vai se adequando a cada tempo, a cada contexto dos sujeitos como ser social, a língua é dinâmica.

A seguir, um breve conceito das gramáticas, a saber:

- A gramática normativa é o uso das normas do “bom uso da língua, para falar e escrever bem”, de acordo com a variedade culta, padrão. Ela, a gramática “normativa” preserva o sentido original do termo na cultura greco-romana. Ela ocorre pela memorização de normas e regras. A gramática é entendida como conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever estabelecidos pelos especialistas, tendo por base o uso da língua consagrado pelos bons escritores. Nessa vertente, defende-se o uso tão somente da variedade padrão ou culta, outras formas de uso da língua são consideradas erros, desvios, deformações da língua.

A gramática normativa, cujo interesse está direcionado, preferencialmente, à variedade escrita padrão (preocupação em como se deve falar e escrever).

Ao lado da descrição da norma ou variedade culta da língua (análise de estruturas, uma classificação de formas morfológicas e léxicas), a gramática normativa apresenta e dita normas de bem falar e escrever, normas para a correta utilização oral e escrita do idioma, prescreve o que se deve e o que não se deve usar na língua. Essa gramática considera apenas uma variedade da língua como válida, como sendo a língua verdadeira (TRAVAGLIA, 2001: 30).

- A gramática reflexiva também é usada na linguística aplicada ao ensino-aprendizagem de línguas, que enfatiza a reflexão de professores e aprendizes sobre a estrutura e os usos da língua que é objeto de sua aprendizagem. Esta gramática, leva o aluno a explicitar fatos da estrutura e do funcionamento da língua, sendo desenvolvidas atividades que leve o aluno a redescobrir fatos já estabelecidos nas demais gramáticas, “aprendida” por ele. Para Travaglia (2001, p.33):

A gramática reflexiva é a gramática em explicitação. Esse conceito se refere mais ao processo do que aos resultados; representa as atividades de observação e reflexão sobre a língua que buscam detectar, levantar suas unidades, regras e princípios, ou seja, a constituição e funcionamento da língua. Parte, pois, das evidências linguísticas para tentar dizer como é a gramática implícita do falante, que é a gramática da língua.

- A gramática “de usos” é praticada principalmente pelos adeptos de correntes funcionalistas da linguística, para as quais há uma relação dialética e indissociável entre forma e função no estudo da língua. Desenvolvendo com os alunos, um trabalho pedagógico, voltado para o conhecimento prático da língua, a partir de produções orais e escritas, inclusive dos alunos. Assim, o funcionalismo compreende que é a necessidade de uso da língua que prevê sua aprendizagem, ou seja, “[...] a língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário,



reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas.” (CUNHA, 2011, p.158). Assim, é partir das atividades comunicativas e da necessidade de desenvolver a habilidade para realizar tais práticas que ocorre o processo de aquisição da linguagem. Percebe-se, dessa maneira, que a língua não é uma estrutura autônoma, como propõe o estruturalismo, mas diretamente ligada às diferentes situações de comunicação e as necessidades daí advindas. Uma conceituação mais aprofundada é desenvolvida na Escola Linguística de Praga, que propõe de acordo com Moura Neves (1997), um estudo que não esteja restrito à descrição das funções gramaticais proposta identificada em outros modelos teóricos, mas leve em conta, também, a situação de comunicação. Assim:

[...] dedicou-se atenção especial à “perspectiva funcional da frase”, ou seja, à organização das palavras nas frases, vista na sua função de organização da informação. A frase é reconhecida, desse modo, como uma unidade susceptível de análise não apenas nos níveis fonológico, morfológico e semântico, mas também no nível comunicativo.(MOURA NEVES, 1997, p.18)

### **Considerações finais**

Pode-se verificar que o ensino da língua portuguesa requer do professor uma postura ampla e consciente. É, certamente, através das práticas de leitura e escrita no ensino da língua que o conhecimento se desvela, que desenvolvemos a criatividade, a capacidade de invenção, ampliamos a consciência e o saber. Ensinar gramática, é, portanto, um processo de suma importância na escola e fora da escola, para a produção do texto escrito e para a ampliação do saber linguístico e extralinguístico.

A gramática, nesta perspectiva, deve ser uma aliada do professor para o desenvolvimento das habilidades necessárias ao processo. O ensino gramatical separado de todo este contexto apresentado até aqui desconstrói o objetivo maior do ensino da língua: o de formar leitores e produtores de textos competentes, capazes de (re)significar o mundo ao seu redor através do uso da língua.

É importante ressaltar aqui o papel do professor neste trabalho, pois ele deve ser o próprio construtor desta prática, ao invés de criar dependência de manuais de como aplicar uma situação gramatical num determinado contexto, apresentado em uma determinada questão. Portanto, o professor deve pensar a gramática e sua aplicabilidade nos exercícios por ele elaborados no dia-a-dia de suas aulas para alcançar a desejada aprendizagem dos educandos. Desta forma, isso deve se tornar uma constante na prática do professor em sala de aula, tornando-se uma rotina no trabalho pedagógico do ensino da língua. Assim, é responsabilidade da escola direcionar o ensino da língua materna de modo que ele se torne eficaz e, de fato, contribua para o pleno desenvolvimento das habilidades linguísticas do ser.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé Costa. Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho. Belo Horizonte: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: O que é, como se faz. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- GERALDI, J. W. Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, L. (Org.) Aprender e ensinar com textos. São Paulo: Cortez, 1997.
- FIAD, R. S.; CARBONARI, M. do Carmo. Teoria e prática do ensino de língua materna. Cadernos CEDES, São Paulo, Cortez, 1985.
- FONSECA, F. I.; FONSECA, J. Pragmática Linguística e ensino de português. Coimbra, Almedina, 1977.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática-história, teoria, análise e ensino. São Paulo: UNESP, 2002.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo. Gramatização e escolarização: Contribuições para uma história do ensino das línguas no Brasil (1757-1827). São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: 1 língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- PERINI, Mário A. Sofrendo a gramática: a matéria que ninguém aprende. In: —. Sofrendo a gramática: Ensaio sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 1997.
- POSSENTI, Sírío. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- TRAVAGLIA, L. C. Ensino de gramática numa perspectiva textual interativa. In: AZAMBUJA, J. Q. (Org.). O ensino de língua portuguesa para o 2º grau. Minas Gerais: UFU, 1996.
- \_\_\_\_\_. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.